

PATRICK REDMOND/SONY PICTURES



⊕ lega Tolkien, seriam levados ao cinema muito anos depois e se converteriam em blockbusters adolescentes.

O debate entre Freud e Lewis é mais filosófico que literário e se desenvolve em torno da existência de Deus. Hopkins faz um Freud sarcástico, que se diverte ao pressionar o amigo com perguntas do tipo: sendo Deus

de Lewis. Outros temas são tocados – como o humor, em especial o humor judaico de Freud, que escreveu um livro chamado *O Chiste e suas Relações com o Inconsciente*. Também se fala em sonhos, traumas infantis e sexualidade. É uma conversa muito culta, civilizada, porém travada à beira do abismo.

TEATRAL. Como estética, o filme herda muito da sua origem teatral. Passa-se, em boa parte, no gabinete de consultas de Freud, com sua escrivaninha, seus livros, o divã no qual se deitavam pacientes e a coleção de estátuas antigas. Não faltam nem mesmo os famosos charutos, que Freud continuava a fumar apesar da doença. Consta que, em seus bons tempos, consumia uma média de 20 charutos longos por dia.

O sucesso de uma opção de cinema como esta, em espaço fechado, poucas cenas de rua, poucos personagens e muitos diálogos, depende da qualidade do texto e do elenco. O texto é ótimo. Vem da peça e esta

tem origem no livro de Nicholi Jr. O elenco não decepciona. Ao contrário. Hopkins, para variar, dá um show à parte na pele de um Freud desiludido, irônico e por vezes sarcástico, de uma inteligência implacável.

Outros personagens giram em torno da dupla. Em especial Anna Freud (Liv Lisa Fries), a dedicada filha de

Desiludido
Hopkins dá um show à parte na pele de um Freud desiludido, sarcástico e de uma inteligência implacável

Freud, analisada pelo próprio pai e que se tornou uma pioneira da psicanálise de crianças. Sempre junto a Anna, Dorothy Burlingham (Jodi Balfour), sua companheira e também psicanalista.

Esta é uma passagem interessante. No filme, Freud sempre evita que Anna leve Dorothy à sua casa, como se não aceitasse que a união das

duas mulheres fosse formalizada. A passagem pode ser ficcional, mas é significativa e levanta uma questão lateral: seria o autor polêmico, que admitia a bissexualidade do ser humano, a sexualidade infantil e a atração do filho por sua mãe no chamado Complexo de Édipo, em sua vida privada, um conservador enrustido? Pode ser. Ele próprio compreendia muito bem as contradições do ser humano e as estratégias que este desenvolve para conviver com elas.

Também sobre esse assunto, há uma passagem interessante na correspondência de Freud. Em carta a sua amiga Lou Andreas-Salomé, Freud se dizia preocupado com Anna, por ela fazer amizades apenas com mulheres e não ter vida sexual, apesar de ser intelectualmente independente. Perguntava-se o que seria dela quando ele viesse a morrer.

Mas Freud não tinha por que se preocupar. Anna e Dorothy viveram e trabalharam juntas até a morte desta, em 1979. Anna morreu três anos depois da companheira. ●

Freud no cinema

O analista, o aprendizado e seus impasses

VERSÁTIL



● Freud Além da Alma

Direção de John Huston. O roteiro original havia sido escrito por Jean-Paul Sartre, mas Huston achou o calhaço de mais de mil páginas infilmável. No filme, o jovem Freud é visto recebendo as primeiras pacientes histéricas e formulando as bases da psicanálise. A interpretação de Montgomery Clift é decisiva para a qualidade do filme. Disponível para aluguel na Looke.

ROBERT FINSTER



● Freud

Direção de Marvin Kren. Série em oito episódios, mostra um Freud pop, decidido a se tornar famoso na Viena do século 19. Para tanto, une-se a uma vidente e a um detetive para solucionar uma série de crimes. Divertido, mas não é para ser levado a sério. Na Netflix.

LES FILMS D'ICI



● Freud, um Judeu Sem Deus

Ótimo documentário francês sobre a trajetória de Freud, desde a mudança da família para a Viena, onde ele cresceu e estudou, o estágio na França com Charcot, a aventura da psicanálise, seus impasses, dissidentes e críticos, até o exílio e morte em Londres, no início da 2.ª Guerra. Com depoimentos de familiares e amigos, mais cartas e trechos do seu diário. Interpretado por vozes ilustres: narração de Denis Podalydès, Mathieu Amalric (Freud), Isabelle Huppert (Anna Freud), Catherine Deneuve (Marie Bonaparte) e Jeanne Balibar (Lou Andreas-Salomé). Disponível no Youtube, em francês com legendas em espanhol. ●

Transição
Professor em Oxford, Lewis vai do ateísmo a um cristianismo douto: defende a fé com argumentos racionais

um ser de bondade, como permite a existência do mal no mundo? Questão muito urgente quando o mal, com suas suásticas e armas, ameaça o planeta. Lewis responde pelo livre-arbítrio, a liberdade concedida por Deus para que a humanidade possa decidir entre o mal e o bem. Freud, que não acredita muito no tal do livre-arbítrio, ri